

TEMATIZANDO A BRINCADEIRA DO ELÁSTICO NA EMEI PIRAJUSSARA

Marina Basques Masella e Marina Chagas Luz

O projeto foi realizado com a turma 6A (Infantil II) no período de setembro a novembro de 2016, na EMEI Pirajussara, que atende 250 crianças do Infantil I e Infantil II, na faixa etária de 4 e 5 anos. A escola está situada na zona sul, na Diretoria Regional de Ensino do Campo Limpo, no bairro Jardim Mitsutani. As crianças do 6A têm 5 anos completos e algumas já fizeram 6.

No ano 2016, o PEA (Plano Especial de Ação) da EMEI Pirajussara teve como tema “O currículo Integrador da Infância Paulistana: uma reflexão acerca das práticas e gestão dos tempos”. Esse tema foi pensado pela gestão juntamente com o grupo de professores, uma vez que a escola foi inaugurada em março do ano vigente e se verificou a necessidade de um aprofundamento teórico acerca dessa temática para a organização dos espaços e rotina da escola. Além disso, o PPP (Projeto Político Pedagógico) está sendo elaborado com a colaboração dos integrantes do PEA, que buscaram ao longo do ano fazer a caracterização da comunidade do entorno e das famílias que têm suas crianças matriculadas na EMEI.

Com inspiração no PEA e no PPP que estava sendo construído, as professoras pensaram em diferentes maneiras de exploração dos espaços pelas crianças. O solário, espaço amplo localizado no terraço da escola, era muito utilizado pelas turmas. Em um momento em que estávamos nesse espaço com a turma, realizamos uma atividade onde disponibilizamos para as crianças diversos tipos de fios (elásticos, linhas, lã, barbante, nylon, etc.) para que elas pudessem explorar esse material inicialmente da forma que quisessem. Foi nesse momento que um menino da turma escolheu um elástico com a espessura mais grossa, pediu se poderia amarrar suas pontas e começou a ensinar os colegas como sua irmã mais velha “pulava elástico”. As crianças ficaram interessadas com a brincadeira e se aproximaram para olhar como ele fazia, alguns também já conheciam a prática e outros quiseram experimentar.

Os dias se passaram e fomos percebendo que as crianças estavam constantemente remetendo-se à brincadeira do elástico com curiosidades e

indagações. Foi então que surgiu a ideia de tematizar a brincadeira do elástico com as crianças do 6A.

Iniciamos o mapeamento do que as crianças conheciam sobre a brincadeira a partir de uma roda de conversa. Descobrimos que o menino que deu início à brincadeira no dia em que estávamos no solário, mora no final da rua da escola e nos contou que nos finais de semana quando os pais estão em casa, ele juntamente com a irmã e uma vizinha têm autorização para brincar na rua. Outra menina da turma disse que brincar na rua ou na praça parecia ser melhor do que brincar em um espaço fechado, mas que também era possível de acontecer “caso estivesse chovendo”. Também houve uma menina que relatou que enquanto a prima brincava de pular, cantava uma música conforme os passos que fazia. Houve também a discussão sobre as maneiras de pular, se existia apenas uma e “se todas as crianças do mundo pulavam do mesmo jeito”. Tomamos tudo isso como ponto de partida e objetos de investigação.

Para aprofundamento e ampliação escolhemos alguns tópicos a partir dos interesses e inquietações das crianças: 1) Como começou a brincadeira do elástico? 2) Ela tem apenas esse nome em todos os lugares? 3) Quem são as pessoas que brincam? 4) Existem outras formas de pular?

Fomos então à sala de vídeo onde assistimos alguns vídeos de crianças pulando elástico em diferentes contextos e de diferentes maneiras. Assistimos também a um vídeo em que adultos brincavam de pular e um menino nos contou que a mãe disse para ele que brincava de elástico quando era criança, o que fez a turma pensar que essa era uma prática antiga. Uma menina teve a ideia de perguntar para a avó que cuidava dela se ela conhecia a brincadeira, pois se a avó conhecesse, “era um sinal que a brincadeira era mais velha ainda!”. As crianças chegaram à conclusão de que era possível todos pularem elástico, mas que os adultos que pulam fazem isso pois era uma prática da infância deles. Problematicamos se um adulto não poderia aprender a pular quando fosse grande, ou ele pular quando criança era uma condição para a prática na vida adulta.

Após as discussões iniciais partimos para a vivência, e pensamos em explorar a criatividade das crianças. Primeiro, as dividimos em três grupos e pedimos que elas tentassem reproduzir a forma que mais gostaram ao assistir os vídeos e notamos que os grupos vinham até nós dizer que não conseguiam lembrar direito o que assistiram. Dessa forma, conversamos e pensamos como poderíamos

solucionar essa questão e uma nova proposta surgiu: que cada grupo criasse a sua própria forma de pular e depois ensinassem aos colegas. Os alunos adoraram e até inventaram algumas musiquinhas para acompanhar os movimentos. Deste modo, adaptaríamos a “fórmula pronta” presente nos vídeos e criaríamos a nossa própria conforme as preferências de cada grupo.

Em um dos primeiros dias de vivência, aconteceu uma situação muito pertinente ao projeto. Quando dividimos as crianças em grupos para que cada um criasse a sua sequência, um grupo acabou ficando apenas com meninos, que tiveram dificuldade na criação da sequência, pois havia certa divergência de ideias entre eles. Isso os deixou extremamente decepcionados, pois todos os outros grupos estavam desenvolvendo suas sequências com facilidade. Enquanto pensávamos em uma maneira de resolver esse problema, um menino alegou que não estava dando certo, pois o grupo deles era formado apenas por meninos e pular elástico era coisa de menina.

Quando questionei o motivo dessa afirmação, ele nos disse que a brincadeira do elástico era parecida com uma dança e por isso as meninas sabiam mais como criar a sequência, “assim como a gente no futebol”. Problematizamos dizendo que nos vídeos em que vimos havia muitos meninos pulando elástico e questionamos se não haveria outro motivo para a dificuldade que encontraram no processo de criação. Por fim, perceberam que com planejamento, paciência e ouvindo todos os integrantes do grupo, qualquer pessoa, menino, menina, adulto ou criança era capaz de criar uma maneira nova de pular. Para aprofundar ainda mais essa questão, passamos na sala de vídeo o clipe da música “Menina moleca”, do grupo Palavra Cantada, fizemos uma roda de conversa sobre a temática da música e registros através de desenhos que foram expostos nas paredes da sala.

Ao longo dos dias de vivência, surgiu o seguinte questionamento: “só tem eu na minha casa, mas eu queria brincar e não tem como fazer sozinha”. Pensamos então em um modo de brincar na ausência de pessoas para segurar o elástico e chegamos a conclusão que duas cadeiras ou duas mesas eram uma boa solução. Colocando as cadeiras ou mesas afastadas e passando o elástico entre seus pés, o elástico ficava esticado como se duas pessoas estivessem segurando. Nas vivências, também exploramos formas de brincar com o elástico com outras partes do corpo, como as mãos, cintura e pescoço.

Juntamente com as vivências, ampliamos ainda mais em nossas discussões o que sabíamos sobre o elástico. Através da leitura do livro “Grande livro das Brincadeiras: Diversão garantida para todas as ocasiões” de Lisa Regan, localizamos diversas brincadeiras de pular e novamente nos remetemos ao elástico. Verificamos que a brincadeira também poderia receber o nome de “dentro fora” e refletimos o motivo que poderia ter levado alguém a dar esse nome à brincadeira, assim como verificamos através de uma imagem do livro que poderíamos pular o elástico “como o Saci, com uma perna só”. Experimentamos tudo isso em novas vivências.

Depois de muitos dias de experimentações, vivências, elaboração de sequências, reflexões e rodas de conversa, cada grupo apresentou para o outro os resultados do que formularam juntos. Registramos tudo isso em vídeo e posteriormente passamos para eles assistirem.

O projeto surgiu pelo interesse que os alunos demonstraram pela brincadeira. Segundo Aguiar e Neira (2016), na pedagogia cultural, o docente deixa a posição de detentor do conhecimento e, em ação conjunta com os estudantes, lança-se por caminhos diversos para encontrar novas paisagens e realizar leituras mais profundas sobre a realidade ao redor dele e dos alunos. Juntamente com as crianças, fomos percorrendo caminhos e problematizando as situações que iam aparecendo para que eles aumentassem seu repertório, compreendessem os aspectos relacionados à brincadeira para além da simples vivência e construíssem sua própria forma de pular elástico.

Paralelamente, pesquisamos sobre como surgiu a brincadeira do elástico e o que textos acadêmicos dizem sobre o tema. Percebemos que apesar de ser uma brincadeira muito popular e antiga, não existem muitos registros que abordem a temática. A primeira fonte de consulta foi o site Scielo, nele procuramos por “brincadeira elástico” e não havia artigos, depois tentamos buscar por “brincadeiras de pular” e também não tivemos sucesso. Dessa forma, buscamos por “brincadeiras de rua” e apareceu um artigo chamado “Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes” de um pesquisador da Universidade Federal de Alagoas.

O artigo se trata de um estudo sobre a contribuição das brincadeiras de rua para a geração de processos de convivência urbana e a diversificação de práticas e saberes inerentes às culturas populares que atravessam o cotidiano das cidades

brasileiras. No entanto, ao nosso ver, notamos que o artigo aborda a brincadeira de elástico de uma maneira sexista:

As brincadeiras de rua atualizam antigas tradições culturais ao tempo em que inventam novas tradições, a exemplo de brincadeiras como pular elástico, na qual as meninas (trata-se de uma brincadeira predominantemente feminina) improvisam elementos da ginástica rítmica para irem gradualmente desafiando umas às outras nas variações dos saltos sobre os fios do elástico. À medida que deflagram processos de convivência urbana, as brincadeiras de rua dão vazão a uma profusão de saberes por meio da qual a sociedade coloca em prática suas expressões culturais e, ao mesmo tempo, dá prosseguimento a sua história. (PIMENTEL; ÁLAMO, 2015, p.717-718).

Esse trecho nos remeteu ao momento do projeto em que um menino disse que pular elástico era “coisa de menina”, e então pudemos reafirmar o quanto a fala desse aluno é apenas um reflexo do que a maioria da sociedade acredita.

Como não encontramos nada sobre a origem dessa brincadeira no site Scielo, fomos pesquisar na internet e descobrimos no site “Biblioteca Virtual” que as brincadeiras de pular, como pular corda, eram comportamentos típicos da Grécia e da Roma antigas para celebrar a chegada das novas estações, no entanto a prática de pular elástico surgiu na Idade Média.

Por fim, acreditamos que a oportunidade de desenvolver esse projeto a partir de tudo o que estudamos nas aulas de Metodologia da Educação Física nos ajudou a ampliar nosso conhecimento sobre práticas corporais e a reconhecer ainda mais a escola como um espaço privilegiado para a ressignificação dessas práticas, assim como a ampliação dos saberes relativos a ela, almejando a formação de cidadãos capazes de questionar as relações de poder existentes entre os mais diversos grupos sociais.

Registro em vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=W6BV9Pu1M7Q>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, C. A.; NEIRA, M. G. O ensino da Educação Física: dos métodos ginásticos à perspectiva cultural. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016.

PIMENTEL, ÁLAMO. Brincadeiras de rua, convivência urbana e ecologia dos saberes. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2015, vol.20, n.62, pp.703-721.